



RELATO DE EXPERIÊNCIA

ESTUDOS DE DESINFORMAÇÃO: DAS AGÊNCIAS DE CHECAGEM DA GRANDE MÍDIA ÀS ALTERNATIVAS INDEPENDENTES DE COMBATE

Gabriel Bhering; bhering.gabriel@estudante.ujf.br
Iluska Coutinho; iluskacontinho@uff.br (orientadora)

RESUMO

O presente relato busca apresentar o percurso pela pesquisa “Credibilidade e qualificação da informação: jornalismo, personalização e oferta de notícias no Brasil”, que começou observando as estratégias de checagem da grande mídia e depois se voltou para iniciativas independentes de verificação da informação. Entre as referências trabalhadas é possível citar o manual do Interviços (2019) e o conceito de Desordem Informacional (Derakhshan & Wardle, 2017), assim como a metodologia Análise da Materialidade do Audiovisual (Coutinho, 2016). Além do percurso de investigação, o relato entrelaça a formação e as vivências do autor e da orientadora em seu processo formativo como jornalista e cientista.

PALAVRAS-CHAVE

Desinformação. Agências de checagem. Iniciação Científica.

1. INTRODUÇÃO: CAMINHANDO PELA PESQUISA

A desinformação é um fenômeno que nos afeta desde antes da Pandemia, mas foi neste momento que esta também foi considerada um vírus pela Organização Mundial da Saúde (OMS), que batizou o momento como

“Infodemia”. Diante desse impasse contemporâneo, o Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA - UFJF), coordenado pela professora Iluska Coutinho, vem desenvolvendo o projeto “Credibilidade e qualificação da informação: jornalismo, personalização e oferta de notícias no Brasil” que agrega estudos de Iniciação Científica, onde eu pude iniciar o meu percurso na pesquisa acadêmica.

Antes de adentrar na pesquisa propriamente dita, vasculho na memória a minha relação com essa palavra e percebo, então, que toda criança carrega em seu imaginário um conjunto de imagens lúdicas acerca do que quer dizer “ser um cientista”. Em uma investigação rápida das minhas lembranças da infância, por exemplo, lembro que “ciência” e “pesquisa” para mim estavam muito ligadas com o desenho: “Laboratório de Dexter”, que conta a história de um jovem menino que tem o seu próprio laboratório atrás do guarda-roupa de seu quarto, onde ele realiza diversos experimentos e invenções, que, claramente, me chamavam atenção, mas não ao ponto de me despertar o desejo de um dia ser cientista. Isso porque, desde aquele momento, eu já carregava dentro de mim uma vontade de contar histórias e me via muito mais nesse universo da Comunicação.

Contudo, durante o meu ensino médio integrado em técnico em Administração no IFMG, campus Ponte Nova, eu descobri com os meus professores — todos mestres e/ou doutores — que qualquer área do saber é passível de pesquisa. Aquilo me deixou com uma curiosidade para entender melhor esse meio, que eu pude experimentar no curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), pelo fato de ter me envolvido na pesquisa ao integrar o grupo: Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA), que me acolheu como graduando e, agora, me recebe enquanto mestrando. Este percurso pela pesquisa e, em alguns momentos, ensino de jornalismo, vale um relato de experiência científica, conforme este trabalho se propõe a fazer.

2. METODOLOGIA: A ANÁLISE DA MATERIALIDADE DO AUDIOVISUAL COMO UM MÉTODO POSSÍVEL

Para realizar as pesquisas foi lançado mão da metodologia “Análise da Materialidade do Audiovisual (AMA)” (COUTINHO, 2016), pois pelo fato do projeto integrar o Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA), os conteúdos selecionados das agências de checagem da grande mídia e de projetos alternativos foram vídeos, que podem ser observados a partir da AMA, por esta busca estudar o material sem “realizar operações de decomposição/leitura, que descaracterizariam a forma de enunciação/produção de sentido” (Coutinho, 2016)”.

Em outras palavras, acredita-se que métodos como “Análise do Discurso” ou “Semiótica”, apesar de relevantes, podem ser uma forma de decompor a produção audiovisual e levar a um processo de descaracterização. Sendo assim, a AMA busca estudar o vídeo considerando toda a sua complexidade: áudio+imagem+texto+recursos gráficos.

Em primeiro lugar, a metodologia pretende analisar as promessas do produto. No caso de checagens feitas por vídeo, é importante refletir como se deu a apresentação editorial desse projeto de checagem e quais são as promessas desse objeto. Para, em seguida, criar eixos de análise, que podem ser formulados consoante aos interesses e objetivos da pesquisa, com possíveis perguntas a serem feitas. Por exemplo: “Estratégias de verificação da informação”: quais foram os recursos utilizados para realizar as checagens? Durante o processo de checagem foram apresentadas fontes para validação?

Antes de refletir acerca das promessas do objeto e responder às perguntas dos eixos de análises, é importante mapear os vídeos e organizá-los em uma tabela do Excel, que pode ser adicionada aos eventuais artigos caso seja compacta. É importante que nessa tabela, o pesquisador adicione os links das produções para que o leitor possa acompanhar com mais precisão a análise, que pode conter capturas de telas para ilustrar a reflexão.

3. DESENVOLVIMENTO: DA GRANDE MÍDIA ÀS ALTERNATIVAS INDEPENDENTES DE CHECAGEM

A vontade de entender melhor o universo da pesquisa era grande, que não me importava começar em um projeto como voluntário, como de fato ocorreu em uma bolsa de Iniciação Científica do NJA sobre desinformação. Naquele momento, quando integrei os estudos, ainda era Pandemia e as questões refletidas giravam entorno deste impasse. Desde o momento que integrei o projeto em 2021, realizei com a Yasmim Rocha, atual mestranda do PPGCOM-UFJF, na época também graduanda, um mapeamento das checagens realizadas pelas agências “Fato ou Fake”. Como resultado deste trabalho, apresentamos um artigo no Congresso Televisões III (UFF), analisando as principais temáticas que apareceram nas checagens desses grupos e as estratégias utilizadas para checar em vídeo as desinformações.

Naquele momento, uma das nossas principais referências foi o manual “Desinformação: ameaça ao direito à comunicação muito além das fake News”, lançado pelo Intervezes em 2019.

A expressão “fake news” (notícia falsa) se popularizou mundialmente e se tornou comum nas conversas cotidianas, em casa, no trabalho, no bar, na escola etc. A preocupação com seu impacto na política e na vida social tem mobilizado esforços no Brasil, na Colômbia, nos EUA, na Índia, na França, na Nigéria e em diversos países. Entretanto, essas /duas palavras lidam mal com a complexidade de um problema maior que o simples julgamento sobre a verdade ou a falsidade de um conteúdo. (INTERVOZES, 2019).

Em outras palavras, há toda uma complexidade acerca dessa expressão, como foi investigado no prosseguimento dessa pesquisa que permaneceu observando as agências de checagem da grande mídia após o decreto do fim da Pandemia no Brasil, levando ao seguinte artigo: “Infodemia: uma pandemia que ainda não acabou”, título formulado a partir dos resultados que apontaram para

uma permanência do fenômeno da Infodemia, termo criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Afinal, apesar do fim da Pandemia de Covid-19, a desinformação continuou em alta no período eleitoral do ano de 2022, levando a diversas checagens como o estudo apontou. A pesquisa foi inicialmente apresentada no Intercom Sudeste (UFF) e em seguida foi selecionada para o dossiê da revista Iniciacom.

Neste trabalho, adotamos o conceito de “Desordem Informacional” (Derakhshan & Wardle, 2017), que classifica o fenômeno em três grupos. Sendo o primeiro chamado de “desinformação”, que agrupa as notícias falsas produzidas com essa intencionalidade; já a “informação incorreta” contempla os casos em que o usuário transmite uma informação falsa sem saber; e o último grupo diz respeito a “informação maliciosa”, que agrega informações verdadeiras, mas que não são de interesse público, como fotos íntimas de terceiros.

Ao continuar a pesquisa, fui direcionado pela professora e orientadora Iluska Coutinho a procurar iniciativas independentes de checagem, tendo em vista os limites das agências da grande mídia. Então realizei uma busca no Instagram das palavras: “fake news” e “desinformação” e encontrei 29 perfis de iniciativas independentes de checagem, sendo 19 deles ligados a projetos escolares, o que levou ao título do artigo: “Iniciativas escolares buscam combater desinformação, mas desertos de notícias ainda permanecem com sede de checagem”, publicado no congresso MEI STUDIES. Atualmente, o nosso olhar está voltado para iniciativas de checagem realizadas por jornais comunitários e também como o fenômeno da desinformação se manifesta nos desertos de notícias.

Além da produção e apresentação de artigos, tive oportunidade de ministrar duas palestras. Em 2023, aconteceu a primeira no projeto “Curso Populares para Concurso” (CPC) organizado pela Prefeitura de Juiz de Fora sobre disseminação de notícias falsas, um tema que impacta a vida cotidiana dos brasileiros e, por consequência, acaba sendo recorrente nos vestibulares e concursos públicos do país.

O segundo momento aconteceu no segundo semestre de 2023 na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia do IFMG, Campus Ponte Nova, onde ministrei o minicurso “Estratégias alternativas de combate à Infodemia, uma pandemia que ainda não acabou” aos alunos dos cursos técnicos integrados em Administração e Informática. Uma forma de praticar a educação midiática, barrar a desinformação e formar uma geração mais sustentável midiaticamente.

Imagem 1: Minicurso para os alunos do IFMG, Campus Ponte Nova



Fonte: IFMG, Campus Ponte Nova (2023)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos de desinformação realizados no Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA - UFJF) referente ao projeto “Credibilidade e qualificação da informação: jornalismo, personalização e oferta de notícias no Brasil” trouxeram percepções acerca das estratégias de checagem das agências da grande mídia, “Aos Fatos” e “Fato ou Fake”, durante a Pandemia, mas também após o seu fim, o que levou a conclusão de uma permanência da Infodemia. Apesar da relevância desses espaços de checagem, começou a surgir alguns questionamentos: “Será que essas agências dão conta das regiões interioranas do país e dos desertos de notícias?” O que levou a pesquisa se voltar para

iniciativas independentes advindas de escolas e, mais recentemente, para estratégias de checagem de jornais comunitários das favelas do Brasil.

Ao escrever este relato, pude organizar um percurso da pesquisa que venho trabalhando desde a graduação, com orientação da professora Iluska Coutinho, além de ter mapeado em um segundo plano o meu percurso enquanto um pesquisador iniciante que descobriu no IFMG, Campus Ponte Nova, que cientista não se resume ao personagem do “Dexter”, conforme confirmei na Faculdade de Comunicação da UFJF, que me formou jornalista e agora no mestrado em Comunicação contribui para que um dia eu seja um cientista do campo das audiovisualidades comunicacionais, que ajude na construção de uma mídia mais democrática.

REFERÊNCIAS

Bhering, Gabriel; Coutinho, Iluska. **Infodemia: a pandemia que ainda não acabou**. Revista Inciacom Revista Bras. Inic. Cient. Com. Social, São Paulo, v. 12, n. 4, out./dez. 2023

Bhering, Gabriel; Coutinho, Iluska. **Iniciativas escolares buscam combater desinformação, mas desertos de notícias ainda permanecem com sede de checagem**. Mei Studies.

Coutinho, Iluska. **O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível**. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo, SP. Anais eletrônicos... São Paulo, USP, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-3118-1.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2023

Derakhshan, H.; Wardle, C. **Information disorder: definitions**. In: Understanding and addressing the desinformation system, 1., 2017, Filadélfia. Annals... Filadélfia: University of Pennsylvania, 2017. p. 5-12. Disponível em: <https://bit.ly/2GbeyJ2>. Acesso em: 24 set. 2019.

INTERVOZES, Coletivo Brasil de Comunicação Social. **Desinformação: ameaça ao direito à comunicação muito além das fake News**. São Paulo, 2019. Disponível em intervozes.org.br

Rocha, Yasmim; Bhering, Gabriel. **Pandemia e desinformação: a redescoberta do jornalismo como instância de certificação**. In: CONGRESSO TELEVISÕES III, 2022, Niterói, RJ. Anais [...] Niterói: UFF/Televisões, 2022.